

Para Seplan, País não é exportador de capitais

A linguagem da Seplan em relação aos bancos comerciais estrangeiros e ao FMI é de que o Brasil não deve continuar como um exportador líquido de capitais para os países ricos, entendendo-se por exportador líquido de capitais aquele país que remete mais dólares ao Exterior do que recebe, seja qual for a ocasião. Esta posição serve de respaldo à conclusão de que os bancos credores devem emprestar ao País pelo menos US\$ 4 bilhões este ano.

Para a Seplan, não há problema nenhum para que isso ocorra. O raciocínio é que deve ser descontada a inflação média dos países desenvolvidos (prevista em 4% este ano), que contribui para a depreciação do dólar norte-americano. A Seplan também tem opinião segundo a qual se os bancos comerciais concederem mais recursos ao País não estarão elevando sua **exposure** (nível de comprometimento dos empréstimos bancários em relação a um único credor). Daí não se trata de dinheiro novo (**new money**) na verdadeira conceituação das finanças internacionais.

Sendo assim a Seplan entende que o debate em torno do assunto está mal colocado. O ministro João Sayad tem reclamado igualmente das elevadas taxas de juros, conforme manifestou ao participar de um debate, quarta-feira última, no Congresso de Revendedores de Automóveis, no Centro de Convenções de Brasília. Para o ministro, as negociações com bancos e o FMI passam pela tentativa de se buscar um novo esquema de pagamento dos juros, que hoje absorvem quase a totalidade do superávit comercial. Acha também que o nível em que se encontram hoje as taxas de juros externas tem-se tornado bastante perverso para o Brasil.

Declara ainda Sayad que "vários são os esquemas de renegociação possíveis". Importa, entretanto, obter uma redução expressiva dos encargos financeiros de nossa dívida externa. Qualquer redução na taxa externa de juros ou nos **spreads** ou **fees** (comissões) cobradas pelos credores abre espaço para a redução da taxa interna de juros.